



## REVERBERAÇÕES DA PANDEMIA DE COVID-19 NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DESAFIOS E LEGADOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

### Reverberations of the COVID-19 Pandemic in Brazilian Education: Challenges and Legacies of Emergency Remote Education

Lídia Gomes de Macedo Messias<sup>1</sup>

Franciely Pereira Moreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa os efeitos da pandemia de Covid-19 na educação brasileira, com ênfase no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, investiga-se como o ERE impactou práticas pedagógicas, trabalho docente e políticas públicas educacionais. A pesquisa foi guiada por quatro eixos temáticos: desigualdade digital, precarização do trabalho docente, mediação pedagógica por tecnologias digitais e ausência de políticas públicas coordenadas. Os resultados apontam que, embora o ERE tenha intensificado desigualdades e fragilidades estruturais, também provocou adaptações inovadoras e ressignificações no fazer docente. Conclui-se que a pandemia expôs a urgência de políticas educacionais mais equitativas, com investimento na formação continuada e na valorização profissional, bem como destacou o papel central das relações humanas no processo educativo.

**Palavras-chave:** Ensino remoto emergencial. Educação brasileira. Pandemia de Covid-19.

**Abstract:** This article analyzes the effects of the COVID-19 pandemic on Brazilian education, focusing on Emergency Remote Teaching (ERT). Based on a qualitative literature review, it investigates how ERT influenced pedagogical practices, teachers' work, and educational public policies. The study was guided by four thematic axes: digital inequality, precarization of teaching work, pedagogical mediation through digital technologies, and the lack of coordinated public policies. Findings indicate that, although ERT intensified inequalities and structural weaknesses, it also led to innovative adaptations and redefinitions of teaching practices. The results highlight the urgent need for more equitable educational policies, continuous teacher training, and professional recognition, emphasizing the central role of human relationships in education.

**Keywords:** Emergency remote teaching. Brazilian education. Covid-19 pandemic.

## 1 Introdução

A pandemia da Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, provocou uma das maiores rupturas já registradas na história da educação contemporânea. No Brasil, a necessidade de isolamento social levou à suspensão abrupta das

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9748-2744>. Contato: [lidiagdemme@gmail.com](mailto:lidiagdemme@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5165-132X>. Contato: [franciely.pmoreira@gmail.com](mailto:franciely.pmoreira@gmail.com).

aulas presenciais e impôs o desafio de assegurar a continuidade do processo educativo por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE) – uma modalidade temporária e adaptativa, implementada de forma rápida e sem o devido planejamento prévio. Essa transição forçada exigiu de gestores, professores e estudantes um esforço inédito de reorganização das práticas pedagógicas e das relações de ensino e aprendizagem.

Diferentemente da Educação a Distância (EaD), o ERE se configurou como uma resposta circunstancial à crise sanitária, caracterizada por improvisações metodológicas, desigualdades tecnológicas e lacunas de formação docente. Estudos anteriores de Valente *et al.* (2020); Lucena; Previtali, Brettas, (2020); Fialho; Neves, (2022) apontam que essa modalidade, embora tenha possibilitado a continuidade das atividades escolares, evidenciou de forma contundente as desigualdades estruturais do sistema educacional brasileiro, a precarização do trabalho docente e as fragilidades das políticas públicas voltadas à integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Segundo Freire (1996), o papel político e transformador da educação, em tempos de crise, precisa reafirmar seu compromisso com a justiça social. Logo, a pandemia não apenas escancarou as desigualdades educacionais, como também revelou as limitações de um sistema educacional que, muitas vezes, responsabiliza individualmente os sujeitos por problemas estruturais. Nessa direção, Lucena; Previtali e Brettas (2020) e Valente *et al.* (2020) destacam que o uso pedagógico das tecnologias deve ser intencional, contextualizado e acompanhado de formação crítica para que possa gerar impacto positivo na aprendizagem.

Nesse cenário, destaca-se o estudo de Fialho e Neves (2022), que investigou os efeitos do ERE na rotina de docentes da Educação Básica durante o primeiro ano da pandemia. O artigo evidencia que a ausência de infraestrutura adequada, a sobrecarga de trabalho e a necessidade de adaptação constante às novas tecnologias impactaram diretamente a saúde emocional dos professores e a qualidade do ensino oferecido. Os autores ressaltam que o processo de ensino remoto ocorreu, na maioria dos casos, com escasso suporte institucional, gerando frustrações, angústias e sentimentos de impotência entre os profissionais da educação.

O autor Kohan (2020) contribui para essa reflexão ao afirmar que a escola, ainda que fisicamente suspensa, continuou sendo um espaço simbólico de cuidado, vínculo e resistência. A reinvenção do trabalho docente no ERE revelou, mais uma vez, o compromisso ético dos professores com seus alunos, mesmo diante da ausência de políticas públicas estruturadas. As experiências vividas nesse período trouxeram à tona a necessidade de valorização da profissão docente e de construção de políticas formativas contínuas que integrem o uso das TDICs de forma significativa.

Diante desse cenário, este artigo tem como objeto de estudo a análise dos efeitos da pandemia de Covid-19 na educação brasileira, com ênfase nas implicações e legados do Ensino Remoto Emergencial (ERE). O trabalho busca compreender como a adoção dessa modalidade afetou práticas pedagógicas, condições de trabalho docente e políticas educacionais, identificando desafios e aprendizagens decorrentes desse processo.

A pesquisa se fundamenta em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, orientada por quatro eixos analíticos: (1) desigualdade digital, (2) precarização do trabalho docente, (3) mediação pedagógica por tecnologias digitais e (4) ausência de políticas públicas coordenadas. Ao articular esses eixos, pretende-se contribuir para o debate contemporâneo sobre o papel da tecnologia na educação e para a formulação de políticas mais equitativas e humanizadas no contexto pós-pandêmico.

## 2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, voltada à compreensão dos efeitos da pandemia de Covid-19 na educação brasileira, com ênfase no Ensino Remoto Emergencial (ERE). A opção por essa abordagem fundamenta-se na intenção de examinar criticamente as produções científicas que emergiram durante o contexto pandêmico, buscando identificar tendências, desafios e legados nas práticas educativas e nas políticas públicas.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas complementares:

- a) Levantamento bibliográfico sistematizado, realizado entre abril e agosto de 2023, em bases de dados nacionais (SciELO, Google Acadêmico, BDTD e Plataforma Sucupira);
- b) Seleção e organização do material, com base em critérios de inclusão e exclusão;
- c) Análise interpretativa e categorial, conduzida à luz de eixos temáticos definidos previamente.

Foram considerados artigos, dissertações e relatórios técnicos publicados entre 2020 e 2023, em língua portuguesa, que abordassem de forma direta o impacto da pandemia sobre o ensino brasileiro. Como critérios de inclusão, priorizaram-se estudos com enfoque no Ensino Remoto Emergencial e aquele que apresentavam análise teórica ou empírica sobre desigualdade digital, trabalho docente, uso pedagógico das tecnologias e políticas públicas educacionais. Foram excluídas as produções que tratavam de contextos internacionais, resumos de eventos e textos opinativos sem respaldo metodológico.

O corpus final da pesquisa foi composto por 28 publicações que atenderam aos critérios mencionados, entre artigos de periódicos, dissertações e capítulos de livros. Esse conjunto foi organizado em quatro eixos analíticos: (1) desigualdade digital e exclusão social; (2) precarização e intensificação do trabalho docente; (3) mediação pedagógica por tecnologias digitais; (4) políticas públicas e gestão educacional na pandemia.

A análise do material foi conduzida a partir de uma leitura interpretativa e reflexiva, apoiada em referenciais teóricos de autores como Freire (1996), Nóvoa (2020) e Imbernón (2022). Buscou-se identificar convergências, tensões e lacunas entre os discursos acadêmicos, articulando-os aos desafios contemporâneos da educação brasileira. Essa sistematização permitiu elaborar uma discussão crítica sobre os efeitos do ERE e apontar possíveis caminhos para políticas formativas e estruturais no contexto pós-pandêmico.

## 3 Discussão teórica

A pandemia de Covid-19 representou um marco singular no século XXI, comparável apenas a eventos trágicos como a gripe espanhola de 1918–1920. Assim como naquele momento, o mundo assistiu com espanto à velocidade de propagação do vírus, ao elevado número de mortes e à adoção de medidas emergenciais para conter a catástrofe sanitária. A gravidade do momento levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a recomendar ações imediatas como o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização constante com álcool em gel, visando conter a disseminação da doença (Pereira; Narduchi e Miranda, 2020).

No Brasil, essas medidas coincidiram com uma crise política e econômica que agravou os efeitos da pandemia. A condução federal da crise sanitária foi marcada por discursos negacionistas e pela priorização da economia em detrimento da vida, o que evidenciou o exercício de uma necropolítica (Kohan, 2020). Esse cenário de instabilidade intensificou os



Ferreira e Costa (2022), resistir também cansa. Sem políticas de valorização profissional e sem apoio emocional, os educadores sustentaram o processo educativo baseados sobretudo em ética, compromisso e solidariedade.

A pandemia, portanto, não criou os problemas estruturais da educação brasileira – apenas os tornou mais visíveis. A reflexão crítica proposta por Kohan (2020) e Lucena, Previtali e Brettas (2020) evidencia que qualquer transformação educacional precisa começar pela valorização concreta do trabalho docente, com condições dignas de atuação, formação continuada e suporte institucional efetivo. Além disso, a experiência do ensino remoto emergencial demonstrou que as tecnologias digitais, embora fundamentais em situações de crise, não substituem o vínculo pedagógico e afetivo que se constrói na presencialidade. A vivência desse período deve servir como aprendizado para a formulação de políticas públicas que reconheçam o professor como sujeito central do processo educativo e garantam sua qualidade de vida no trabalho.

### 3.1 Repercussões na Formação Inicial e Continuada de Professores

A emergência do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19 provocou impactos profundos na formação docente, tanto no que diz respeito à formação inicial quanto à continuada. Instituições formadoras foram abruptamente desafiadas a adaptar seus currículos, estágios e atividades formativas às novas exigências tecnológicas, sem o devido tempo para planejamento. Estudantes de licenciatura, em especial, se viram privados de experiências presenciais essenciais para o desenvolvimento de suas competências pedagógicas, vivenciando estágios supervisionados mediados por tecnologias, muitas vezes sem infraestrutura adequada ou acompanhamento pedagógico sistemático (Silva *et al.*, 2022).

Essa situação escancarou uma fragilidade estrutural já existente na formação inicial de professores no Brasil, que há tempos carece de investimentos consistentes, articulação entre teoria e prática e valorização institucional. Segundo Tardif (2012), os saberes docentes são construídos na intersecção entre o conhecimento científico, o saber experiencial e as políticas educacionais vigentes. A pandemia, ao alterar profundamente o cenário educacional, reconfigurou essa tríade, exigindo dos futuros docentes o domínio de saberes digitais muitas vezes ausentes nas grades curriculares ou tratados de forma periférica.

Ao mesmo tempo, a formação continuada de professores em exercício também foi severamente afetada. Embora muitos docentes tenham sido forçados a aprender na prática como utilizar ferramentas digitais, essa aprendizagem ocorreu majoritariamente de maneira autodidata, improvisada e individualizada. Faltaram, em grande parte das redes, políticas públicas estruturadas de formação emergencial que levassem em consideração as realidades locais, os diferentes níveis de domínio tecnológico e as condições objetivas de trabalho dos professores. Como alerta Nóvoa (2020), a formação docente deve ser um espaço contínuo de reconstrução da prática e de desenvolvimento coletivo, não uma responsabilização individual diante de desafios sistêmicos.

A ausência de diretrizes nacionais consistentes para apoiar a formação docente em tempos de ensino remoto agravou ainda mais as desigualdades já presentes no sistema educacional. Professores com menor acesso a recursos tecnológicos e redes de apoio institucional enfrentaram obstáculos muito maiores para se adaptar ao novo cenário. Imbernón (2022) destaca que a formação docente de qualidade requer condições institucionais que favoreçam a reflexão crítica, a colaboração entre pares e a mediação pedagógica constante. Tais elementos foram, em grande parte, desconsiderados durante a crise sanitária.

É necessário, portanto, problematizar em que medida a formação docente, tanto inicial quanto continuada, estava preparada para lidar com os desafios impostos pela digitalização emergencial do ensino. A pandemia não apenas evidenciou lacunas na capacitação técnica dos professores, mas também revelou uma carência de preparo para lidar com as dimensões pedagógicas, éticas e emocionais do ensino mediado por tecnologias. Em vez de apenas fornecer competências técnicas, a formação docente precisa promover o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o uso da tecnologia na educação, alinhada a uma perspectiva humanizadora e emancipadora.

Neste sentido, a experiência pandêmica oferece uma oportunidade valiosa para repensar os currículos dos cursos de licenciatura e os programas de formação continuada. A inclusão de práticas formativas voltadas à cultura digital, à mediação pedagógica tecnológica e ao trabalho colaborativo precisa deixar de ser uma exceção para se tornar um eixo estruturante da formação docente. Mais do que preparar professores para operar ferramentas, é urgente formá-los para compreender os impactos sociais, cognitivos e culturais dessas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

#### 4 Resultados

A análise dos documentos oficiais, associada à revisão bibliográfica realizada, revelou que o Governo Federal brasileiro, ao minimizar os impactos epidemiológicos da pandemia de Covid-19, adotou uma postura política negligente em relação às diretrizes científicas amplamente recomendadas. Essa postura resultou em políticas públicas desarticuladas, que contribuíram para o agravamento das desigualdades sociais já existentes e aprofundaram a exclusão digital no país (Portelinha *et al.*, 2021). A recusa inicial em adquirir vacinas, aliada aos sucessivos contingenciamentos de recursos, expôs ainda mais a vulnerabilidade das populações historicamente marginalizadas (Praun, 2020).

No campo educacional, a pandemia escancarou as fragilidades estruturais das redes públicas e privadas, ao mesmo tempo em que provocou uma transição abrupta para o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nesse contexto, observou-se um processo de adaptação forçada de professores, gestores, estudantes e famílias. Apesar da ausência de políticas consistentes de formação continuada e suporte técnico, muitos educadores conseguiram, com criatividade e esforço pessoal, reestruturar suas práticas pedagógicas para atender às novas exigências impostas pela crise sanitária.

Constatou-se também que o uso de plataformas digitais, como Google Meet, Zoom e Microsoft Teams, tornou-se uma constante durante o período. Inicialmente utilizadas como soluções emergenciais, essas ferramentas passaram a integrar o repertório pedagógico dos docentes, demonstrando potencial de continuidade em práticas híbridas ou presenciais. Essa incorporação aponta para uma mudança cultural na concepção do ensino no Brasil, ainda que de forma desigual entre redes públicas e privadas.

Os resultados evidenciam, contudo, que a ampliação do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) não foi suficiente para garantir equidade educacional. Estudantes de regiões periféricas e escolas com menor estrutura enfrentaram obstáculos significativos, como falta de acesso à internet, ausência de equipamentos e pouca mediação pedagógica. Essas desigualdades acentuaram as disparidades históricas e ampliaram o fosso educacional entre diferentes grupos sociais.

Embora o contexto pandêmico tenha imposto inúmeros desafios, também atuou como catalisador de processos inovadores. Como destaca Rondini (2020), esse período promoveu

reflexões sobre o papel da mediação pedagógica e estimulou novas formas de interação entre professores e estudantes. A experiência com o ERE revelou o potencial das tecnologias como mediadoras da aprendizagem, mas também reforçou a necessidade de políticas públicas que assegurem condições de trabalho adequadas e formação crítica para o uso pedagógico das TDICs.

#### 4.1 Aprendizados Institucionais e Práticas Inovadoras

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas pelas redes de ensino durante a pandemia, algumas experiências mostraram-se inovadoras e adaptativas, evidenciando a capacidade de resistência e reinvenção das instituições educacionais públicas. Em resposta à exclusão digital de parcela significativa dos estudantes, muitas redes estaduais e municipais buscaram alternativas ao ensino exclusivamente online, apostando em modelos híbridos de comunicação e aprendizagem. Entre essas práticas, destacam-se a distribuição de materiais impressos, o uso de rádios comunitárias, parcerias com emissoras de televisão e a criação de canais de suporte psicossocial para professores, alunos e suas famílias.

Um exemplo notório foi o programa “Se Liga na Educação”, implementado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), que produziu e transmitiu videoaulas por meio da TV aberta e distribuiu os Planos de Estudo Tutorados (PETs) impressos aos estudantes sem acesso à internet. Iniciativas semelhantes ocorreram em estados como Maranhão e Amazonas, onde emissoras locais foram mobilizadas para garantir um mínimo de continuidade pedagógica. Em muitas escolas, professores também organizaram grupos de WhatsApp por turma, realizando plantões de dúvidas e compartilhando atividades adaptadas à realidade de cada comunidade.

Além do suporte pedagógico, algumas redes de ensino investiram em acolhimento emocional como estratégia para enfrentar os impactos da pandemia. No Ceará e no Espírito Santo, por exemplo, foram criados canais de escuta e atendimento psicológico para estudantes e profissionais da educação, em parceria com universidades e equipes multiprofissionais. Tais ações reforçam a compreensão de que o processo de ensino-aprendizagem é indissociável do bem-estar emocional dos sujeitos envolvidos.

Essas experiências demonstram que, diante da ausência de uma política nacional coordenada, muitas soluções emergiram da iniciativa dos próprios profissionais da educação, em articulação com suas comunidades escolares. Como observa Gatti (2020), a pandemia revelou a potência da escola como espaço de criação coletiva, mesmo em contextos de precarização e incerteza. Valorizar essas práticas locais é fundamental para a formulação de políticas educacionais mais sensíveis às realidades escolares e comprometidas com a equidade.

A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza exemplos de estratégias adotadas por diferentes redes públicas durante o período pandêmico:



Quadro 1 - Exemplos de práticas inovadoras em redes públicas durante o ERE

<b>Rede Pública / Local</b>	<b>Prática Inovadora</b>	<b>Objetivo Principal</b>
SEE/MG (Minas Gerais)	PETs impressos e videoaulas na TV aberta (Se Liga na Educação)	Manter acesso ao conteúdo e vínculo com os estudantes
SEDUC/MA (Maranhão)	Parcerias com rádios comunitárias e TV locais	Ampliar o alcance do ensino remoto
SME Fortaleza (Ceará)	Apoio psicossocial com escuta ativa a alunos e professores	Promover saúde mental e emocional
Rede Municipal de Manaus	Atividades em grupos de WhatsApp com entrega de kits pedagógicos	Superar a exclusão digital
SME/SP (São Paulo)	Plataforma digital + distribuição de chips e tablets para alunos	Garantir conectividade

Fonte: Elaborado pelos autores

Esses registros demonstram que, mesmo diante de inúmeras limitações, houve criatividade e protagonismo das redes públicas, o que constitui um importante aprendizado institucional a ser resgatado no pós-pandemia. A sistematização e o estudo dessas experiências podem embasar futuras políticas de enfrentamento de crises e promover modelos educacionais mais resilientes e inclusivos.

A seguir, apresenta-se o Quadro 2 que sintetiza os principais desafios enfrentados e as transformações observadas nas práticas educacionais durante o período de ensino remoto emergencial:

Quadro 2 – Desafios e transformações durante o Ensino Remoto Emergencial

<b>Desafios enfrentados</b>	<b>Transformações observadas</b>
Falta de infraestrutura tecnológica nas escolas públicas	Maior familiaridade com plataformas digitais ( <i>Google Meet, Zoom, Teams</i> )
Ausência de formação docente específica para uso de TDICs	Reinvenção das práticas pedagógicas e incorporação de mídias digitais
Desigualdade de acesso à internet e dispositivos por parte dos alunos	Criação de estratégias alternativas (envio de atividades impressas, uso de <i>WhatsApp</i> )
Sobrecarga de trabalho docente e ausência de apoio institucional	Reflexões críticas sobre a organização do trabalho pedagógico e valorização da autonomia docente
Dificuldade na mediação pedagógica a distância	Estímulo ao uso de metodologias mais interativas e comunicação assíncrona

Fonte: Elaborado pelos autores

A sistematização dos quadros demonstra que, apesar das limitações estruturais e da ausência de políticas públicas coordenadas, o contexto do Ensino Remoto Emergencial impulsionou processos de ressignificação da prática docente e incorporação de tecnologias digitais ao cotidiano escolar. Esses movimentos, ainda que heterogêneos, evidenciam a capacidade de adaptação dos educadores e reforçam a urgência de investimentos estruturais e formativos que consolidem essas transformações em prol de uma educação mais equitativa, inclusiva e dialógica. As mudanças observadas não devem ser vistas como soluções definitivas, mas como aprendizados que apontam caminhos possíveis para políticas educacionais comprometidas com a justiça social.

## 5 Considerações Finais

A pandemia de Covid-19 deixou marcas profundas e duradouras na educação brasileira. Embora esse período tenha impulsionado o desenvolvimento de novas competências, como o uso intensivo das tecnologias digitais, também evidenciou a importância das interações humanas e das dimensões afetivas do processo de ensino e aprendizagem. As experiências vividas revelaram que a educação, tal como era concebida antes da pandemia, não retornará da mesma forma. As transformações impostas pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) modificaram as dinâmicas escolares, os vínculos entre estudantes e professores e as metodologias utilizadas, exigindo novas formas de pensar e organizar o trabalho pedagógico.

Nesse cenário, tornou-se evidente que o modelo tradicional de ensino não atende mais às demandas de uma sociedade altamente conectada e dinâmica, na qual o acesso à informação ocorre em tempo real. Ao mesmo tempo, ficou claro que o simples uso de tecnologias não é suficiente para garantir uma aprendizagem significativa. O que se mostrou essencial foi a capacidade de professores e escolas de adaptar-se, acolher e reinventar suas práticas em meio às adversidades, reafirmando o papel social e humanizador da educação.

A pandemia também reforçou a necessidade de compreender a educação como uma política de Estado, e não apenas como um gasto governamental. Situações de crise – sejam sanitárias, econômicas ou sociais – continuarão a expor as fragilidades históricas do sistema educacional enquanto não houver investimentos contínuos em infraestrutura, formação docente e valorização profissional. Reconhecer a educação como um bem público estratégico é condição para garantir equidade e qualidade nas aprendizagens.

Nesse processo de reconstrução, destaca-se a importância da escuta ativa de professores e estudantes como protagonistas do fazer educativo. Suas experiências, vivências e aprendizados durante o período pandêmico devem orientar políticas públicas mais sensíveis às realidades locais e mais eficazes na redução das desigualdades. Valorizar os saberes pedagógicos construídos nesse contexto, ainda que marcados pela dor e pela improvisação, significa reconhecer o compromisso ético e o protagonismo docente frente aos desafios impostos pela pandemia.

Por fim, recomenda-se que pesquisas futuras avancem para além das análises teóricas e contemplem investigações empíricas em redes públicas de ensino. Estudos de caso, etnografias e levantamentos quantitativos poderão oferecer dados mais precisos sobre os impactos duradouros do ERE nas aprendizagens, nas práticas pedagógicas e no bem-estar docente. Esses resultados poderão subsidiar o desenvolvimento de estratégias de formação continuada, acolhimento emocional e integração crítica das tecnologias educacionais, contribuindo para o fortalecimento de uma educação mais equitativa, inclusiva e humanizada.



## Referências

- BARROS, C. C. A.; SOUZA, A. da S.; DUTRA, F. D.; GUSMÃO, R. S. C.; CARDOSO, B. L. C. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós-pandemia. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- BEZERRA, N.; VELOSO, A.; RIBEIRO, E. Resignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades: Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. 323917, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3917>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, Faculdade de Educação da USP, v. 48, 2022. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022022000100409&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022022000100409&script=sci_arttext). Acesso em: 23 nov. 2025.
- FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Revista Marx e o Marxismo: Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45–67, 2017. Disponível em: <https://niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GALVÃO, L. L. da C.; FERREIRA, C. A. A.; COSTA, M. de S. S. Qualidade de vida no teletrabalho: percepções de professoras de um instituto federal de Minas Gerais. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/5480>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, São Paulo: SciELO Brasil, v. 34, p. 29–41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqx fh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez Editora, 2022.
- KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Praxis Educativa**, Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 15, 2020. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092020000100129&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092020000100129&script=sci_arttext). Acesso em: 23 nov. 2025.
- LUCENA, C.; PREVITALI, F.; BRETTAS, A (org.). **Pandemia Covid-19: a distopia do século XXI**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29388/978-65-86678-07-9-0>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em:

